

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Luiz Daniel Rodrigues

DE MENTE, DE GESTO

Porto Alegre
2010
Luiz Daniel Rodrigues

DE MENTE, DE GESTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan

Linha de Pesquisa: Filosofias da Diferença e Educação

Porto Alegre

2010

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P696d Rodrigues, Luiz Daniel

De mente, de gesto / Luiz Daniel Rodrigues; orientadora: Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan. Porto Alegre, 2010.
210 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2010, Porto Alegre, BR-RS.

1. Filosofia da diferença. 2. Escritura. 3. Gesto. I. Zordan, Paola Menna Barreto Gomes. II. Título.

CDU: **37.01:82**

Bibliotecária Neliana Schirmer Antunes Menezes – CRB 10/939 neliana.menezes@ufrgs.br

Luiz Daniel Rodrigues

DE MENTE, DE GESTO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em 17 ago. 2010.

Profa. Dra. Paola Basso Menna Barreto Gomes Zordan – Orientadora

Prof. Dr. Tomaz Tadeu da Silva – UFRGS

Profa. Dra. Luciane Ubert – UNIPAMPA

Profa. Dra. Gabriel Sausen Feil – UNIPAMPA

AGRADECIMENTOS

Paola Zordan, Tomaz Tadeu, Gabriel Feil, André Reichert, Augusto Schallenberger, Ana Luiza Caldas, Gilse Rodrigues, Josué Dinarte, Rony Dinarte, Lodenir Karnopp, Adriana Thoma, Roseli Pereira, Denise Comerlato, Leandro Pilati, Marcio Martins, e ao meu peixinho Tarcísio.

Sou demais o *sangue* para esquecer o *sangue*.

(LISPECTOR, 1973, p. 22).

RESUMO

Experiência de escrita potencializada pelo gesto. Gesto desdobrado em vibrações que ferem o espírito de forma incontornável. Contorno do acumulam nas mãos, resumidos aos olhos. Uma ilha onde se força o exílio, apreende o gesto e protela o intraduzível. Diferente da língua gestual, do código de acontecimento com margens e paredes, a ferida no sótão, na praia, na montanha. Ocupar as feridas que me ferem com suas respectivas roupagens, marcar o gesto com roupa, alimento, utensílio. Refratariamente, para ambos os lados: os gestos se multiplicam ao infinito, digeridos pelas entranhas e se gesto - a agressividade da marca, do que escorre como sangue, da mão morta, da epilepsia.

Palavras-chave: **Filosofia da diferença. Escritura. Gesto.**

ABSTRACT

Writing experience increased by the gesture. Gesture deployed into vibrations that hurt the spirit so compelling. Outline of the event with the banks and walls, the wound in the attic, on the beach, the mountains. Occupy the wounds that hurt me with outfits, to mark the gesture with clothing, food and devices. Refractory to both sides: the gestures are multiplied to infinity, digested in the bowels and accumulate in the hands, as summarized in the eyes. Islands of a forced exile, seize the gesture and delays the untranslatable. Unlike sign language, the code of gesture – the aggressiveness of the brands, that which drips like blood, the dead hand, the epilepsy.

Keywords: **Philosophy of difference. Writing. Gesture.**

SUMÁRIO

Lista de figuras, e suas decorrências – p. 10

Enfim, solidão – p. 11

A cada som, um silêncio – p. 14

Haibushi, ou as letras mortais – p. 42

De mente, de gesto – p. 64

Textos relevantes para esta escrita – p. 91

Apêndice – p. 94

Lista de figuras, e suas decorrências

P. 15 – Representação na escrita de língua de sinais da configuração de mão em “O”: descreve objetos cilíndricos, visão, coluna, sol e *nada* (zero); retirado de www.dicionariodelibras.com.br

P. 16 – Escrita de língua de sinais para alternar abertura e fechamento dos dedos: plissado, cores, relevo; retirado de www.dicionariodelibras.com.br

P. 17 – Cinema de Barthes. Retirado da Preparação do Romance 2 Multiplicar o gesto pornográfico

P.19 – Nanquim aguado de Cassiano Sthal. O orifício da procura/o mover minucioso dos olhos.

P. 21 - Escrita de língua de sinais para a configuração de mão “D”: para apontar, isolar o referente, Deus e também pênis. www.dicionariodelibras.com.br

P. 34 – Edição das figuras humanóides do cinema de Barthes, no *Paint*.

P. 40 – Ponte e samurais: passar ao outro lado é inútil, voltar atrás é impossível. Nanquim sobre sulfite.

Enfim, solidão

Eu venho tentando fazer uma volta, retomar todos os prelúdios - das tristezas, das paixões, das decepções, das incandescências, a fim de resgatar os pequenos intervalos onde se nasce empunhando a própria história, como já o fizeram aqueles que admiravelmente contam suas vidas, seus poemas, suas desgraças. Sempre retorno, sempre uma generalização afobada, em busca de clareza a mim mesmo quanto àquilo que vivi e que é notável. Parece que todos que desejam escrever o buscam e aqueles que simplesmente escrevem o fazem com uma inconsciência encantadora.

Tento descrever a mim mesmo não somente o esteticamente viável, mas uma entrada, uma saída, tanto faz, mas um salto para o lado de mim mesmo onde tudo se irá vislumbrar com a facilidade de um domingo de manhã. E não acho que esta ilusão seja de todo ruim, pois a busca pelo retorno, apesar de ser de certo modo uma ingenuidade de todos os homens que desejam entrar na ciranda frenética das palavras, no fim das contas só me faz rondar os anseios e dúvidas, dos quais posso ser surpreendido a qualquer momento com um sinal de que está tudo feito. Esta espera me apraz.

Já me voltei aos livros, já me revoltei contra eles, já briguei inclusive, já os quis queimar. Ao ler algumas passagens me indignava por não entender, por não haver esquina de encontro entre meus devaneios de infância e a genial altivez de adolescentes suicidas do século XVIII. Sentia-me bobo. Ao perceber

amigos demorando a leitura em alguma passagem, cheguei a duvidar de sua sinceridade, pensando se tratar de mera arrogância. Depois vi que a arrogância era de certa forma necessária, mas era esta que precisamente fugia de mim a cada linha, a cada verso, como se não conseguisse arrancar das palavras, orgulhoso, o prazer, como o faziam alguns, e mostrar ao mundo, altivo, o sumo daquilo que só eles possuem, só a eles se mostra, dando a ver a genial ferida que eu desejo em mim mesmo abrir.

Venho espreitando, mas nem mesmo sei onde focar, então, à mercê do meu ressentimento, vou dizendo o caminho trilhado, mudando as rotas, gritando “aquinhão!”, vou dos livros às ruas, aos pés dos caminhantes, tudo concentrado em uma percepção visual, como tivesse certeza que alguma disposição corporal irá se oferecer para que eu entenda o momento que irei escrever. Que culpa tenho eu se até hoje foram os frêmitos que embalaram minhas leituras? E quando eu procurava nos outros os gestos daquilo que escrevia, ou quando em leitura transportava para minhas mãos estabanadas suas loucuras? Estudei movimentos repetidamente, idiota perdido, nas ilhas desertas dos verbos sem corpo, das preposições magérrimas, advérbios em vento.

Mas como fui tonto este tempo todo. No fundo eu já sabia que a única troca, o retorno mais preciso e mais inevitável não era de mim para a palavra, assim como não o fora com nenhum daqueles que canonizei e repudiei nos momentos da minha mais torpe inveja. O retorno é sim, após a feliz escritura de outrem, é do papel ao sangue, é pele e fluído. Quando eu tentava ver traduzidas ao olho as volúpias daquele que escreve e então descobrir o caminho para que eu também o pudesse fazer eu estava na verdade iludido, atribuindo, apressado, causas a conseqüências, como matar afogada a delicada flor.

Pele e sangue, confundindo a visão, tragando um ao outro, indiferente aos estancamentos que se quiser impor. Ah, minhas mãos sóbrias, não invejo mais àqueles que leio, não crio mais feridas sem razão de ser. Tampouco irei mostrar investidas como se fossem trunfos. Espero pacientemente e quase imóvel, até o dia do retorno. Do sangue ao sangue.

A cada som, um silêncio

Gesto: infinito porque indivisível. Já se está no gesto. Vejo um bando de garotas tirando fotografias na frente de uma escola. Ao perceberem a proximidade da lente, todas comprimem o ventre e as bochechas e levantam as mãos fazendo os dedos em “V”. Código juvenil? Talvez. Prefiro tomar como pura e simples variação que porventura vá, em algum momento, pontuar o grupo, o bonde, a sexualidade e mesmo a personalidade. A variação, em cada um desses pontos, respinga o que sobra dos gestos em outras formas estabelecidas.

Para que o gesto não consista num gestema, não ilustre, não signifique, mas apenas manifeste. Uma única realidade, um único lance. As meninas logo se ajeitam sentadas em um estreito degrau em frente à escola. Logo, tudo é gesto, toda palavra emitida, todo passo.

...

E mais além, o gesto é substrato a uma língua gestual, especialmente, e talvez exatamente aí, o gesto passa a recobrir paralelamente toda existência. Então a variação se torna involutiva, pois percorre a sua própria linha, a variação surpreende saltando de mão em mão, conforme suas coordenadas. Digo, a variação irá deslocar e estremecer os pontos, mas numa faixa proximal que é dos movimentos que os olhos podem acompanhar. Apenas aí, pouco, sorrateiro e efêmero, o gesto dentro de uma língua gestual também escapa, faz escapar sua gramática.

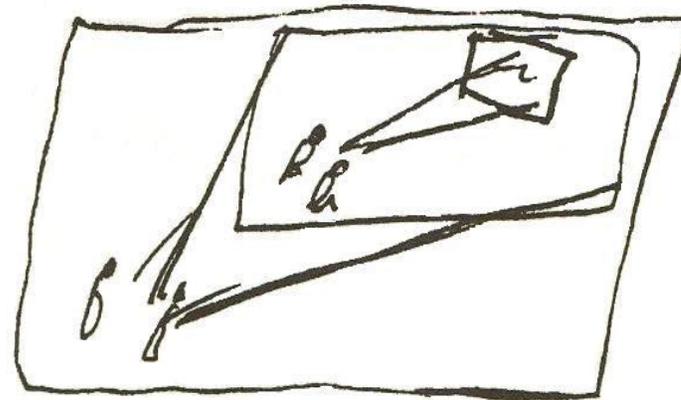
Claro que para falar da *língua gestual* eu deveria evocar uma série de variações de configurações de mão, sobreposições, expressões faciais talvez de uma obra completa, para ter a medida angular de seus enunciados: o livro, unidade pluriangular que se sustenta nos limites do corpo e do espírito, quando já não se sabe se é corpo ou alma que toma a dianteira, este seria uma proliferação gigantesca de gestos.





Proliferação dos gestos

Temos um exemplo claro do gestual proliferativo em um cinema. A obra abismo se configura como a acumulação dos olhares em uma tela que se projeta internamente, fazendo com que os espectadores repitam entre si os gestos do filme. No entanto Barthes, na Preparação do romance 2, estava mostrando com uma imagem relativamente simples, o quanto estas janelas se proliferam e criam vórtices como janelas nos espectadores. A cena de filme em que é um filme que está sendo assistido, o vórtice angular está mais do que evidente:



Temos, nos nossos dias, mais explicitamente do que há poucas décadas, um mercado sexual chamado *cabines privé*. Consistem, em termos de gestualidade, mais ou menos como no exemplo do cinema pornográfico barthesiano, em fazer multiplicar uma gestualidade erótica onde se escandem os gestos já não em referência a uma tela gigantesca, mas em pequenas cabines onde os filmes são passados em televisores de tamanho médio.

Vê-se o multiplicar do abismo. Muitas portas que levam a diferentes abismos. Há ainda as cabines coletivas, mas estas causam pouco interesse nos freqüentadores, em geral. O individual da cabine é muito mais atrativo, pois os gestos são estudados minuciosamente, as luzes, as sombras, as mínimas vibrações (sejam as cabines feitas de madeira, acrílico ou cortiça.). Toda uma pedagogia envolvida na gestualidade sexual que produzem mais e mais acumulações de gestos, em olhares, expressões e mínimos sinais.

As cabines individuais são posicionadas lado a lado, divididas por paredes geminadas ou não, de onde se podem abrir as portas, permitindo que os outros freqüentadores assistam ao filme, ou então alguns freqüentadores mais assíduos podem observar o filme através de pequenos orifícios que são feitos na porta ou nas paredes da cabine, tendo o usuário desta consciência ou não de que seu filme está sendo compartilhado. Aqueles que conhecem as funções dos orifícios são aqueles cuja gestualidade está mais apurada, pois eles conhecem o código:

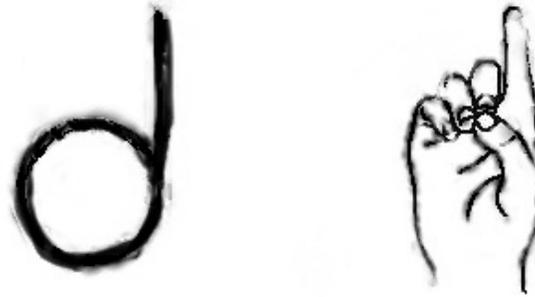


Este é um exemplo de proliferação de gestos, um exemplo bastante marginal, é verdade, no entanto, deve ser aqui visto como um lugar de acumulações importante. Outros exemplos podem ser destacados. Mas, do ponto de vista de um código, diferentemente da língua de sinais, o gesto se aproxima muito da palavra de ordem, indicando limitações entre palavra e corpo (sob condições específicas de condicionamento. Aplausos, levantar o dedo para falar, coçar a genitália, flertar com as garotas)

Mas gesto sem lógica? Ou gesto-acontecimento? Língua de gestos é também gramática, é também prisão, é também jeito de conter, com gesto, o próprio gesto.

$A \rightarrow B, B \rightarrow C,$

Se A, C. Gramática. Incólume legalidade do pensar. Lógica. Indiferente a qualquer contestação ou mesmo indiferente ao impassível antro de minhas idéias. Não julgo, não revogo, não aprovo ou desaprovo. Só uma constatação, só um dizer em si. Sem profundidade, sem charlatanismo, nem origem nem pastiche. Nem sonho nem pedra. Uma borbulha. Uma margarida gritante. A logo B. Um sinal. Este sinal:



A lógica é uma formalidade assassina. Insensível à disparidade do enunciado, pretende submeter o possível a um afunilamento da linguagem, torná-la não linguagem. Torna-la função panorâmica de toda ela mesma. A linguagem como em quadros passantes e multicores. As palavras mudas empenhando-se em castigar as outras palavras (às vezes a mesma palavra) a dizer algo *retirando-se* de si mesmas. A lógica quer que a palavra deseje seu próprio fim para tornar-se atributo lógico. Enquanto palavra, insistindo em se retirar dos quadros vertiginosos da linguagem e mostrando seu inacabamento, a lógica sempre indica seu caminho rotatório de clausura.

sinal .: lógica

Este gesto, emprestado da língua dos surdos, raspa um dedo no outro indicando conexão, contato ou sinapse. O dedo em riste na língua expressa unidade, presença, e muitas locuções adverbiais. Trata-se de dois dedos.

A lógica, sem dúvida, se apresenta aqui apenas como uma anedota. Anedota que convenciono chamar metáfora, devido sua capacidade de substituição. Assim como os gestos, substitui uma palavra por outra, uma função por palavras, uma menção por um saber. A lógica dá aos gestos a obviedade da repetição, mas deixa escapar aqueles que, antes do gesto mesmo, aponta com o dedo uma direção de onde se irá prolongar os demais gestos.

Nessa anti-lógica, nessa degeneração da idéia, os dedos feridos tateiam uma terrificação adequada. Não será suficiente a evidência das coordenadas gestuais, nem as configurações manuais que demonstrem silogismos, nem a demonstração do gesto que salta às codificações.

É preciso embeber-se de gesto, é preciso buscar os silencio nas palavras mais estridentes e cacófatias, as mais cheias de peso sonoro. É preciso lutar.

Colheita

Recolher.

Dispor novamente.

Repetir a disposição invertida, jogar fora, restaurar o lixo.

Pedaços de chão, de sons, de vidas.

O sertão sem o sertão. O meu só-tão-fim-do-mundo. Palíndromo borrado ao espelho.

A base mórbida do silêncio sob qualquer palavra.

Esperneios

Gotas se-cavam. Em meu rosto, a lágrima. A água provém de seu próprio barulho.

Sozinho, em plena chuva.

Prazer

De pés juntos. Mexes os pés, quase esperneio. Os joelhos, as coxas, pintas no teu ventre com os dedos distraídos, cavoucando uma pele branca, aquele gesto que sempre suscita, por isso é belo, é intenso, é suado porque grave, perde-se dos dedos à boca. Dás continuidade. Investes na sobrancelha, a distância das orelhas ao queixo não é nunca aleatória, os lábios se comprimem e os cantos da boca descem um pouco. Não digo que me falas o tempo todo, mas por vezes lanças. Não toco na tua fronte em resposta, mas apenas à força de conjunção, apenas ao que esqueces de prestar contas às tuas insinuações. Apontas, esqueces - não olho. Há um sentido de amanhecer em teu toque, não faço exatamente questão de conhecer teus motivos, mas os conheço. Essa dança que inventaste até o céu da boca não é enigma. Pura flor, um aveludado toque que perde o rumo e a fome mesmo quando caminhas dias a fio. As tristezas jogadas, explícitas, ingênuas e melancólicas. O teu novo gesto, uma contenda; olho para cima - e suspiro. Pensando que o mundo ainda pode ser absolutamente agradável.

Poesia a granel

Uma sala branca. Convidativa pelo fato mesmo de ser uma sala. Clara, ventilada, com suas entradas e saídas bem evidentes. Não se espera muito de uma sala, ela não nos esclarece nada. À entrada, mesmo que feitas as intervenções visuais e lingüísticas do conteúdo do que virá, uma sala é apenas uma sala, até que se prove o contrário.

Digamos que a sala nem mesmo antecipou horários ou limites internos, que se tenha entrado na sala, menos vazia que se nela pode ver, mais ainda que as lacunas dos assentos, vazia. Tento observar os rostos que nela se encontram, rostos vagos surrupiados por sua nulidade, o recinto alargado ainda por todos os vazios que ali faziam debate, tornava-se um maior vazio se lhe fosse cruzada a distância. Cruza-se de ponta a ponta, satisfeitos de não se haver pedido ou ordem (e todo pedido é uma ordem). Não há fatia, setor ou agenda. Desta sala branca não se espera nada, comemora-se aos brados aliviados e afoitos, de não haver pergunta a responder, de todas as perguntas se haverem esgotado e cansado.

A custo percebe-se uma mesa, ao lado de um não-sei-quê iluminado pelo clarão da janela, transversal provavelmente a algo. Notam-se três ondulações acima da mesa, balançando, suponho, com a força do vento, deitam-se e retornam à superfície do móvel. Haverá móvel, ou é somente uma toalha de tecido longo, debaixo do qual não há mais que seu revés, encaixando ao chão exatamente o limite que se divide no ar acima deste?

””

Mas esta mesma visão é o que desperta. Enfim não se tarda a rir e todo o silêncio já se tornava prosa

Double-bind

Um dos vultos delineou um aparecimento esguio e mais ou menos barrigudo. Apresentou-se como o Intérprete e começou a debater-se. Ele era quase um sujeito, não se deixava ver facilmente, apagava-se, fugia. O espaço que o circundava era a princípio silencioso, não era mais que um vulto, embora as sombras que emitisse em seus movimentos parecessem muitas vezes pedras afiadas. Fios que cortavam em uma profundidade invisível, nada tinham a ver com o Intérprete, mas este os dispunha de maneira sempre curiosa; como um espadachim cortando a escuridão com flashes de lâmina que brilha. Mas esses flashes pareciam tão esparsos, o intérprete parecia ter um poder mudo, retirava a si mesmo como ética e neutralidade pomposa, mas golpeava o ar como que se desculando pela imoralidade dos gestos. Seus olhos reluziam vez por outra atrás dos golpes, sarcásticos, inocentes, piegas. O compromisso com a tradução é sempre um pouco ridícula, de uma ingenuidade constantemente derrubada em cada decisão.

O Intérprete sentou ao lado da mesa e abriu o espaço disponível entre ele e os demais vultos presentes. Por um momento pareceu respirar

Recusa

Não há conciliação. As relações não querem mais perdurar. Não é disso que tratamos. Podemos viver bem rechaçando uns aos outros. Não sabemos porque nos odiamos. Não queremos ser aclarados de nada. Mesmo quando nos apaixonamos e queremos continuar isto é apenas um exercício. Se morrermos e chorarmos de dor é antes pelo mal entendido que *nos mente* querer o outro mais e mais do que propriamente pela falta do amado. Os fins existem, o que não há é a condensação desse fim em uma vida cronologicamente datada. O que se buscam são as confusões incessantes porque sabemos, herdamos em nosso código cultural os mal entendidos de nossos antepassados. Usamos seus nomes, suas roupas, suas paranóias. Mas não temos mais paranóias, devemos procurar outra designação. Nossos sintomas são expressamente completos. Temos são depósitos e aberturas, silos cujo conteúdo volta e meia é interrompido e expresso e compreendido. E vivendo uns as dores dos outros recusamos uns aos outros. Não queremos ver. Repito: não tratamos disso. Não é de ver nem de ouvir que precisamos mais. Muito menos falar. Porém esse recurso deve ser declinado em uso, solto apesar de denso. Demasiado cru, o tom da fala não é mais o que importa. O quão rápido somos capazes de ultrapassar todas as venturas a nós transmitidas? Deturpando não, espanando as palavras já gastas. Ensaio, teste, teorias em poucas linhas e mais ainda, profundidades imensas e dolorosas da alma apaixonada em meia dúzia de caracteres ouvidos e desprezados. Seguidos de um sorriso, após a morte do outro, apaga-se – volta-se ao dia-a-dia comum.

Uma multiplicidade monstruosa que mesmo assim é o contrário do caos. (Nietzsche, 2006, p.64)

Demente

Sou a antítese de uma natureza heróica. (Nietzsche, 2006, p.64)

Ainda bem que nesses dias os jovens não têm mais facilidades de emancipação (ou talvez não tantas) como antes. Surpreendemo-nos ao saber que nossos ídolos intelectuais foram proeminentes aos 19, 20, 21 anos. Mas hoje ou a oportunidade é uma só e é definitiva, vejam-se os jovens bilionários da informática ou os prodígios das bolsas de valores, ou não é nunca; veja-se também que a grande parte dos jovens tenta infinitamente alcançar apenas *um* objetivo. A adolescência estendida é um fator psicológico, mas também mercadológico, além disso, há uma espécie de *sociopatia* dessas novas famílias com crianças de 30 anos. Os desejos difusos, esmigalhados e sincretizados em velhos modelos fantasmáticos que pairam sobre pequenos gostos cotidianos. Não queremos nada. Nem por isso deixamos de *exercitar* nosso egotismo e transduzir as velhas peças de jogos conhecidos em um inconsciente, um estado, aliás, mais ou menos latente cujo acesso é razoavelmente simples. Deve-se ser ao menos pervertido, maníaco, compulsivo ou uma mínima tensão. Esse é o aceitável da cidade grande, jovens que têm direito a algum tipo de estupidez, fraqueza, ser feliz superando algum trauma. Mas existem alguns *disparadores* - psicóticos, depressivos, comportamento *borderline* – que reinterpretam todos os fluxos e os estreitam em frações de segundo, na calçada, no café, na telenovela, na *lan house*. Ora, mas que ironia – nos dias de hoje *devemos* nossas últimas saúdes às próprias doenças urbanas!

Ferida

Uma bicha montadinha que conheço foi encontrar com o rapaz que ela conversou na internet. Ela estava insegura, havia gostado do garoto, por isso resolveu pegar umas roupas emprestadas do irmão, que é mais comportado, e vestiu-se toda, achando que uma nova versão de si mesmo iria nascer ali. Olhou-se no espelho fazendo cara de séria, fazendo uma linha mais bichinha-recatada-que-a-família-odeia-mas-aceita. O outro era um pouco mais velho até, me parece, morava na Independência e jogava futebol. Os dois, que haviam trocado fotos por e-mail e frases sexuais ao telefone, se combinaram no apartamento do rapaz. Assim que a bicha chegou ao apartamento, o garoto entreabriu a porta e exclamou: “Não, não, não... vai embora, vai embora” em uma gesticulação agressiva, e fechou a porta. Talvez não quisesse abrir por medo, mas eu desconfio e talvez eu tenha até certeza: é preciso assumir a maquiagem, e não limpá-la deixando aquela profundidade que denuncia. Ou então é preciso limpar, esfregar até que se dispa tudo, até que o rosto tenha sido um pouco machucado, não importa. Um belo ferimento na têmpera unido ao nosso indubitável sorrisinho tem sempre grandes chances de convencer o *boy*.

Aniversário

Conversava com dois amigos no ônibus, quando uma senhora ao meu lado me felicita pelo meu aniversário. É verdade, havíamos comentado, meus amigo e eu, de nossas datas, e a minha havia sido no dia anterior. Passam alguns instantes e a senhora desce da condução, e segundos antes de sair à porta ela fala: “anteontem era eu, escorpianos safados!” e desce sem para trás olhar. Puxa, eu *também* a teria felicitado!

Cliché

Queria guardar algumas imagens: em geral saio pelo centro da cidade com uma sensação de euforia e o que deveria ser guardado são, na minha felicidade momentânea, alguns bueiros, manchas de parede, paralelepípedos ausentes.

Mas isso é o óbvio, o baixo já um pouco *camp*, como diria Barthes. Então essa alegoria é a que sobra.

Minha cara é o feio óbvio – é ele o imbecil que sorri ao lado das crateras da *selva de pedra*.

Ressentimento

Seria como contar uma piada dizer aos meus amigos que quero um pouco de descanso. Eles desconfiam que eu queira realmente é atenção constante. Talvez não mude de idéia quanto à necessidade de descansar, mas não, é realmente necessário que eu tenha um pouco de calma, nem que para isso tenha de inventar uma maneira especial de não ser importunado. Isto é, uma receita profilática de descanso - é se aproveitar do próprio absurdo que meus escritos causam, onde, desde a mais horrorosa confusão, faça com que ninguém se aproxime nem que tenha voz suficientemente estrondosa para me chamar a atenção. Mas talvez um afastamento, digamos compulsório, por parte dos que me rodeiam – por total incapacidade ou então por falta de paciência.

Alguma matilha que se espose de minhas improbidades. Mas veja: nunca por questão de obrigação!

Agenda

Mesmo que retroativamente, voltando a gestualizar o gesto, caindo nas redes da nomeação, dizendo o zigue-zague de Z com o dedo riscando o ar e riscando e riscando



é necessário haver alguma disciplina, não importando muito o tempo que se consiga dispensar. Sejam horas, minutos a cada mês, ao menos para se ter do que mimetizar as palavras. A busca então precede a busca quando a escrevemos. Enlouquecer é algo derivado de um mote de desequilíbrio primeiro. Ir-se às nádegas do companheiro à frente é disparar um plano gestual para trás: a irreversível doação: Theodore vai para trás de si mesmo e copula, assim como o corcunda, assim como K. Gigantescas sessões de masturbação. Devidamente datadas. Onde a doação de cada um acaba por se perder em sua própria linha de sentido. Máquina gestual que berra.

Ano novo

O setembro se foi e novembro termina: quantos séculos ainda vão caber no doce último sonho, no qual ainda nos amávamos? Tínhamos repudiado julho e agosto e setembro nos pareceu um pouco mais centrado. Engano seu. Em outubro os ventos sopraram a patética reconciliação e o novembro apenas testemunhou impossibilidades. Se em dezembro contigo eu outra vez sonhar, mato-me. É que se te tornares mote para janeiro, apelo em fevereiro e frustração em março, meu abril chorará as muitas lágrimas que em meu peito cavaste. Teu maio passado foi narrado a título de aventura, por aí me conquistaste.

E maldito seja junho, mês de dias estranhos, que preparou o fio das vésperas, de mais um pouco de aflição.

Cadáver

Tenho tido a necessidade de me tornar mais adaptável. As situações podem ser constrangedoras se não acompanhamos o gesto conforme a situação. Estive em um funeral dia desses e fiz o procedimento correto. Orei, juntei as mãos, fiz sinais religiosos, até mesmo consegui chorar. A minha dor teria de se expressar de alguma forma, esse é o jeito. A oração do sacerdote era até mesmo bela, eu desconhecia as palavras, mas minha boca murmurou alguns sons, algumas sílabas finais. O cadáver, único ali autorizado a relaxar, me deixou desconfortável, sinalizava o silêncio.

A cada som emitido, um silêncio.

Equê

Ainda sobre a falecida amiga, tratava-se de uma travesti. Lembro que ela precisava se ornamentar de alguma maneira. Uma maquiagem, um perfume, uma maneira com as mãos. No laranja pastel do fim de tarde queria encontrar armas para encarar a noite. Um dia, num parque de Porto Alegre, vi uma poeira que flutuava e enternecia sua face. Curiosamente desejava ser apenas um *pouco* diferente do que era. Não se disfarçava propriamente. Um pouco deixava que as luzes a distorcessem ao acaso.

...

Lembro-me de outra situação. Uma das colegas de prostituição dessa amiga travesti. Surgiu certa vez de dentro do mato, com um *carão branco*, pasta d'água provavelmente, e assaltou um possível cliente que passava distraído.

O senhor de meia idade saiu correndo, e a travesti, com a cara branca, jogou a carteira no chão com violência.

Ousei perguntar seu nome, ganhei uma expressão de desdém. Minha amiga travesti retomou minha questão. *Como tu te chama, bicha?* Meio segundo após ela responde. *Sou a que dá o equê da botinha.* Na gíria das travestis, *dar o equê* significa fazer algo que apenas pareça o original, sem intenção de autenticidade.

O equê: a travesti da cara branca usava duas radiografias grandes acima dos mocassins, enroladas até os joelhos para que parecessem duas botas.

Duas botas, uma cara branca, e a travesti morta. Uma *diz ser* a que usa bota feita de radiografias. Outra não diz absolutamente nada, indica que é com dedos mortos.

Tela

Certo programa de televisão dispunha todos os participantes num tipo de arena, o público ao redor gritava opiniões em uma série de lugares comuns. Por evidências que se refletiam nos olhos dos participantes, expondo suas vidas e ao mesmo tempo contendo a exaustão, corria pela sala um sentimento de embaralho. Por um lado a luz do aparelho fixava um ponto: discorda-se ou não desse monstruoso cambaleio de emoções incertas? *Sinto?* Por outro a vida luminosa, parte essa que remete ao que sempre atribuí aos restos de bebida jogados no chão brilhando, a melhor parte é aquela que foi perdida. O que esses anos todos haviam produzido? E a sujeira dos cantos, que nunca haviam sido varridas? *É disso que se vive?* - não viveria. Organizava a casa uma vez por mês e nunca havia reparado que ao fim da tarde a poeira se mostra mais brilhosa, flutuando no que resta de sol.

- Preciso mudar essa televisão de lugar. – falei alto.

Procura

Procurar um povo que reitere seus gestos e mesmo assim os viva como surpresa a cada dia. Uma ponte se eleva, salta aos olhos e eu, imaginando um conto japonês, penso exatamente em não descrever esses gestos. O conto, resumidamente: dois samurais caminham em um grande jardim, separados por um fio d'água sobre pedras escorregadias. Passar ao outro lado do jardim! É preciso procurar uma ponte. A ponte é estreita e somente uma pessoa pode por ela passar. Em sincronia, os dois mestres estão agora um em cada cabeceira, quando seus olhos se encontram. Nenhum irá se curvar primeiro; prostrar-se para que o outro atravessasse a ponte significa covardia. Os samurais se contemplam por algumas horas, travando uma guerra de silêncio, e dão as costas um ao outro.

...

Por certo descrever a atmosfera lançada pelos dois mestres seria infundado, até mesmo grosseiro, devo correr e atravessar a ponte. Ah! Esses signos, quantos segredos nos guardam?

...

Cidades brancas, delas os olhos arregalados já são o desenho de seu desespero. Os arranha-céus se espantam com os passos nervosos. Os ratos, coitados, escondem-se das botas e mocassins apressados, e as baratas marcam encontro com as comidas.

...

Uma outra guerra, mais agradável aos olhos.



Haibushi

Ou

As letras mortais

Prelúdio

ma superfície onde um campo de batalha possa ser revitalizado, mas que as velhas armas possam ser trazidas à luz, da maneira como se puder adaptá-las a novas realidades. Enfeitiçar, corromper, matar: que as armas possam sempre efetuar mudanças deste tipo. Atravessando a ponte me deparo com uma poeira mágica, dos acúmulos dessa poeira digamos que surge um país, com seus habitantes, com sua leve história rebatida como brinquedo através de cartas, bilhetes, anotações. Seus gestos são rápidos, tenho os olhos lentos, por enquanto somente consigo captar sobras. As efêmeras virtudes e os pequenos venenos, que podem fazer vítimas de ambos os lados, são colocados à prova nesta intrincada rede de registros – pode ser um degrau para melhor contemplar o sol, ou um salto para a morte. Alguns dos novos elementos que são agora peças fundamentais nesta invasão e nesta guerra que habita, pelo que podemos depreender das correspondências, sinais específicos que desnorream os nativos e seus “visitantes”. *Bushi*, que significa guerreiro, como na filosofia do *bushido*, dá nome a estes registros reunidos aquém de qualquer forma pretendida, ou qualquer fidedignidade cultural. Nas pegadas que sugerem um conflito, há degraus, como chapadas de uma cordilheira, ou bancos de areia de uma praia, ou melhor, pegadas de um mensageiro que nos supõem a mensagem, mas nunca seu conteúdo específico e lógico. À semelhança da forma *haibun*, estas cartas trazem uma narrativa seguida de um haikai, com a diferença do necessário tom bélico que se busca, alguma interioridade às voltas com o

mundo. Uma guerra se arma *no entorno* do anotado, e não é menção fazer *conto* ou *novela* ao traçar as correspondências. As pontas que compõem esta rede são indicadas na lista a seguir:

1. Figuras: em cintilações, principalmente nas cintilações.
2. Tilt: talvez o mais difícil, pelo nosso pensamento ocidental tender sempre para a hipertrofiação. O detalhe como detalhe, mesmo em meio à guerra declarada.
3. Claridade: limite do dizer e do nada dizer.
4. O que anotar: O notável visto de pronto, num desvio!
5. Momento de verdade: o fundo intransponível da linguagem, aquilo que não sei como indicar, mesmo que por jogo e experimento, por isso, não o farei.

O poeta

Que alguns dos ditos ocidentais tenham passado por estas terras se pode notar pelo cintilar das folhas. Seus encantamentos, de certa forma grosseiros, que passam do sândalo ao ópio sem sequer reservar a cada um seu devido ritmo, são simulação, sim, porém perfeitas são suas investidas em acompanhar o passo do poeta e guerreiro aos pés do baluarte sonífero, o sol sobre o Fuji. Estes que estranhamente passeiam pelas palavras como se nelas se debatessem a procura de uma saída e de uma oportuna fluidez de sentido, sentem-se obrigados a remeter especificamente a nossa cozinha, aos nossos pés, aos nossos olhos, dentro dos quais parecem encontrar a água mais cristalina e mais profunda – como são frágeis os seus próprios pés, que tão ligeiramente descolam de qualquer piso firme onde possam pisar – quem seria capaz de imaginar criaturas que desprezem tanto assim o seu próprio chão, seu jardim ou seu sótão?

horizonte rompido;
ascende o bater de asas -
um mergulho no céu.

Bilhete do alfaiate, em resposta ao Rei

O alfaiate avisa a sua majestade que o projeto será executado em poucos dias, informa ainda o tipo de tinta que fixará melhor ao tecido. Ante os visitantes, nossos trajes são perceptivelmente superiores, mais leves, proporcionam maior mobilidade e agilidade no caminhar, e eles que de sua indumentária sabem pouco, desleixados, não escovam seus sapatos e com eles entram nas casas. Fazem de sua indumentária rançosa quase uma pele, enquanto sabemos que os trajes devem acompanhar todo homem honrado, porém ser dobrado e guardado na hora do sono, ser limpo e cuidado à refeição e ser maleável aos movimentos do espadachim. Estes invasores parecem mais como biombos de casas de prostituição, grosseiros amontoados de roupas que não se comunicam em absoluto com seus espíritos. Parecem preferir os adornos aos agasalhos, mas não como os povos primitivos do Leste, cujos adornos fazem deles almas dos vegetais que chegam a ofuscar os olhos, os visitantes parecem preocupados com sua proteção das partes pudendas fazendo com que os tecidos exaltem uma outra virtude, que não a do sexo. Aí mostram sua fraqueza, fraqueza bem percebida por sua majestade e que poderá livrar-nos destes malditos.

remendo a veste:
um retalho velho
à capa furada

De: Sra. Aeoki

Para: O Prefeito

Pela honradez e dignidade em rogar frente à vossa alta jurisdição, peço um momento de vosso zelo para com minhas frágeis palavras, nem ao menos sabendo ao certo se deveria vos enviar a presente carta uma vez que os homens da província ou estão doentes ou foram movidos pelo ímpeto de defender a terra, reservo a dúvida e quase lassidão moral como um peso a mais em nossas vestes, o desespero aparente das montanhas que nos têm chegado às janelas, em roxos brandos de longínquas flores. Que aqueles outros cujo nome não sei pronunciar e não o desejaria, são a causa ainda por nós não forjada, pobres que somos em nossas poucas palavras aprendidas e que são neste papel desenhadas por um menino mais aplicado às letras, fazendo-nos sentir como os piores animais sob seus mantos, condicionam agora, nossos corações sofridos por seus jogos de fala, como se nos hipnotizasse. Suplico-vos, mandai por este mesmo menino que vos entrega esta mensagem, de vossa clemência o proceder frente a essas palavras tão vis e que nos entorpece. Seguras de que não compreendem nossas letras e os convencemos com gestos serem apenas receitas do salmão que tanto apreciam, aguardamos com paciência vossa resposta, ou qualquer que seja nosso destino.

um vestido vermelho
torna-se mais vivo
na umidade noturna

Conselhos de um samurai de Edo

Matá-los seria inútil, escutem da nova língua que invade o reino como os próprios mestres seriam, mesmo para nós, figuras sem cabimento e talvez obsoletas. Que nunca dantes tivéssemos crido nossa natureza impura e nos últimos outonos as folhas já pareçam mais secas que de costume, é fato que há em nossas próprias terras um teor de leve desenraizamento de nossos arbustos, pouco fincados em nossas montanhas, e que se nos aparecem como saborosos seus frutos, usemos aquilo que os visitantes nos mostram como nosso, ou seja, aquilo que de nós eles carregam, como aquilo que os pode vencer sensivelmente. Nossas vísceras em nossas vísceras, juntadas talvez pelo inimigo, mas corroboradas pelo que eles jamais nelas compreenderão. Mas, e quanto a nós, passo a me perguntar, compreenderemos?

as folhas estufam-se –
lançam ao vento apenas
lufadas de seu odor

Ao povo da província

**– distribuído no interior de finos segmentos de bambu, em seguida disfarçados nas caixas de
pescado**

Revelamos ter em nosso poder as cartas que nos estão sendo enviadas, e que somente as que foram escritas por homens serão levadas em conta. Determinamos que por bem as tropas estrangeiras devem ser recebidas com honras, e que sejam dadas as atenções que bem vos forem solicitadas. Eles não devem ser questionados. Não interpretei entre si este recado, vive sob esta nova jurisdição os vossos dias, como garanti que vossos olhares sejam sinceros chegando à revelia de um fulgurar contagiante de humildade de uns para com os outros. Sorri às novas solicitações até mesmo em seus espelhos mais privativos e de vossas dependências faze do aposento mais secretamente investido de afeto o lugar mais aberto ao inimigo. O Rei enviará novas instruções a qualquer momento. Preparai-vos.

as linhas da terra

à pouca luz da tardinha

fazem mensagem

Querida Yoko, minha irmã e confidente:

Os invasores tomaram conta de minha existência. Apesar de seu encanto ser óbvio para mim, assim não parece à guarda local e aos gritos de ordem da resistência. Tenho medo. Quero compartilhar contigo este meu desvario às últimas conseqüências da luxúria. Quero também informações sobre os arredores da paliçada, pois sei que os invasores estão conseguindo progressivamente se aproximar do templo e das fortalezas de nossos chefes, aliás, nossos antigos chefes, pois duvido que alguma reação possa ser efetuada no sentido de amenizar o feitiço que se lançou sobre nosso povo. Aqui, perto da fronteira norte, temo estar sendo imprudente com aquilo que porventura estarias preparada para receber, mas acredito também estar perdendo a medida de qualquer afeto que se imagine quando se tem em mente um familiarismo e cuidado. Desculpe-me irmã, mas encerro estas notícias tentando ainda me declarar, não sem hesitação ante sua delicada pureza, não mais integrante de nossa linhagem, faço-me limpa e despida de sua iniquidade para com as forças animalescas que podem nos aflorar, forças que nos tornariam mais violentas.

Convido-te carinhosamente a fazer o mesmo.

a menininha
na clareira úmida
escorrega e cai

Carta do Prefeito de Bankai ao Rei

À sua majestade, o rei destas terras e de muitas outras:

Garanto ser minha devoção a vós a mais insuperável, porém meus sentidos se me apresentam obscuramente, pregando-me peças, estou desesperado. Já os dois doutores que nos foram enviados há alguns anos evadiram, deixando em uma espécie de testamento o que lhes vêm sendo mostrado pelas reações dos camponeses. Já não se limita, contam ainda, a doença mais que a um contorno, pois traçar o mesmo tornou-se impossível. Já os doutores terminam a carta dizendo não compreenderem se estão ou não doentes, e que por isso deveriam deixar os postos a eles incumbidos. Torno a anunciar meu desespero: já eu não sei se estou ou não doente, já que por vezes me ponho a digladiar em convidativas sessões de delírio e de gesto, resumindo meu corpo a estas abomináveis investidas das paixões. Não sei ao certo o quanto vossa bondade deveria a nós atender, já que se o fizesse, provavelmente estaria igualmente doente.

Esperando por não sei que tipo de ajuda,
Temerosamente.

um aceno ao longe
deixo cair a enxada,
e o retribuo

Cartaz distribuído a todos os estabelecimentos do povoado de Bankai

**Venham, os cavalheiros e vossas respectivas damas.
À tarde de domingo assistir a alegre recepção de nossos
visitantes, a fim de agradar nossos gentis amigos do
ocidente.**

**Uma tenda será montada ao lado do templo que
acomodará todos os respeitáveis membros de nossa
sociedade e quanto aos lugares de nossos visitantes,
serão marcados com belas flores de nossa terra.**

Aguardamos vossa presença.

Com entusiasmo, O Prefeito

Poema riscado na parede de uma pousada, ao momento da chegada dos visitantes,
em língua nativa



Procedimentos para a preparação do banquete

1. Forrar as mil gamelas com algas, untando com óleo de côco. O arroz deverá ser reservado do dia anterior para que seque. Sobre esta camada, fazer nova camada de papel de arroz bem seca. Verificar o desenforme para que os criados não quebrem. As lâminas de atum e salmão deverão ser intercaladas em cada camada, assim como o gergelim branco e preto. Uma invaginação deverá cortar todas as camadas menos a última folha de alga. Separar um pouco as camadas a fim de mostrar um pouco do recheio e decorar com as ostras.
2. Dispor o arroz em camadas e as ostras a 15 centímetros da borda da mesa. Os criados deverão estar atentos para servir os bolinhos assim que os comensais se sentarem.
3. Os enrolados de legumes formarão um círculo em torno do arroz em camadas e as pontas dos cones serão apontadas para o nascente.
4. Os guardanapos serão ofertados assim que os convidados tiverem a indicação de seus lugares, ao entregá-los, cuidar para não baixar demais a cabeça, isso não seria de bom tom.
5. As esteiras diagonais ao prato principal deverão conter palitos extras e uma vasilha de molho, ao ser consumido três quartos deste, a reposição deverá ser feita com os olhos quase fechados, a boca

cerrada e sem respiração. O queixo do criado deverá ser também notadamente projetado para frente, volta-se num discreto cumprimento e logo retorna-se e fecha-se a tampa da vasilha.

6. O molho será gentilmente ofertado pela criadagem particular da primeira dama. Deverá ser transportado com o máximo de cuidado e jamais ser destampado antes do momento da celebração.

7. O saquê deverá ser ofertado de seis em seis minutos.

8. As mulheres visitantes não devem ser servidas por homens.

9. O chá deverá ser servido em bules fechados, as telas não deverão ser esquecidas para que as folhas não caiam nas xícaras. Ordens expressas da primeira dama proíbem os criados de experimentar uma gota sequer da bebida.

10. Nenhum pé deverá aparecer aos convidados, isso seria um vexame!

Resposta de Yoko, à irmã

Agradeço a generosidade de minha irmã, mas creio que não nos conhecemos mais. Há muito deixei as bonecas e já não sou menina, mesmo que ainda o fosse quando me casei com o Prefeito. Tendo em ti, minha irmã, as lembranças de nossa infância e de nossa amada mãezinha, juro não declarar nada contra esta existência, mesmo sendo ela tão cruel. Creio estar num lugar privilegiado, ainda que as mulheres não participem das reuniões, o castelo tem escutas e passagens sinuosas, por onde posso testar mais do que meus dotes culinários e envenenar as refeições dos que não me agradam, mas, sobretudo, mudar traçados dos planos de guerra, confundir, enganar, trapacear, assustar. Apenas uma criada, surda-muda, conhece as vagas sob as escadarias, então retribuo o teu convite. Venha minha irmã, venha ter comigo e executar os mais tacanhos monsenhores do reino, que volta e meia visitam esta região. Encontrei papiros que contém feitiços guardados há séculos, cujas letras devem ser traçados sob a roupa de um homem sensível e efeminado, sob a luz de um vitral, que deve ser fulminante. Este homem já está sob meu poder, aqui no castelo, é um ator que representará no próximo evento promovido pelo Prefeito. Creio que isso diminuirá tua angústia. Carinhosamente.

a árvore torta
atrás da menina
de sobreceño rijo

Anotação de um estudioso ocidental, integrante da tropa invasora

Eles são em grande número, mas parecem se fazer passar por uns poucos. Já aprendi algumas de suas palavras, e divirto-me contemplando as jovens nativas, que ao ouvirem tais palavras pronunciadas por mim, toscamente, quase balbucios, elas parecem se sentir invadidas, me parecendo sempre uma reação frente a algo proibido. As jovens fogem, vejo-as escondendo-se atrás de arbustos; fiquei sabendo um tempo depois de chegar, que meus presentes às jovens não eram bem vindos, suas mães os tomavam das filhas e os queimavam. Elas que me sorriem tanto nas feiras, nos banquetes, com seus rostos grandes e lábios vermelhos e finos levantavam a aba do chapéu e deixavam-se ler por seus minúsculos olhos, aqueles que do pouco do mundo que consegue gravar, ilumina certamente e os avalia. “Eu sou um ídolo” pensei, mas notei que, além disso, existiam momentos em que aquelas mães não seguiam esta determinação, me traíam, algum momento seus tolos maridos pareciam intimidá-las de alguma forma, mesmo que estes também me sorrissem bastante. Talvez eu tenha com elas aprendido a sorrir mais, embora soubesse que os risos não exigam atitudes claras.

atrás do carvalho

um precipício

aaaah – o distraído passageiro

Lista formulada pelo alfaiate, enviada pelo ajudante

Conforme a vontade de nossa honorável primeira Dama, os tecidos para o evento:

- Duas medidas de seda azul da Malásia
- Uma medida de lã vermelha fina.
- 400 botões prateados
- Dez medidas de fitas de cores variadas, para as barras
- Duas armações, as mais leves possíveis, para as saias.
- Um carretel de linha grossa, para as pregas
- Quinze medidas de fios de ouro, para decalcar as letras na parte interior das saias
- Verniz para evitar o desmanche dos brocados.
- Um molde de máscara de cortesã
- Dez dúzias de flores do campo, para o chapéu e ornamentos

três flores

um cão

sobre um campo de alecrim

Roteiro imaginário da representação da peça de Zeami, por ocasião da visita do ator principal às instalações ao lado do templo

Que templo tão suntuoso, para uma pequena vila – a flor irá desabrochar mais docemente se tiver, ao final, gotículas do poente úmido caindo sobre a pele dos espectadores, sei, isso irá acontecer – as janelas da ala sul rebatem os raios de luz a partir das quinze horas. Se bem calculado, o momento dos primeiros raios, como os vejo agora aos cinco minutos das quinze horas, serão bem valiosos no trato da cena da alegria da cortesã diante do olhar túrgido do amante que retorna da guerra – seu semblante quando levanta o rosto, das pinceladas que marcava nos cantos internos dos pequenos biombos do jardim à surpresa de uma perna que se apresenta à frente, pisando o rastro de tinta que deixara escorrer. A luz invadirá a máscara redonda e branca, sob os cabelos negros e um pouco desleixados pelos anos de solidão. - Oh! – este será um espetáculo fabuloso!

o ardente sol
secou as poças -
onde lavar o pincel?

Esboço do discurso a ser proferido pelo Prefeito, em ocasião da festividade

São extremas, para as flores, todas as menções de chuva quando, à primavera, os troncos amolecem esperando as precipitações que inauguram o verão, sendo assim, os bengalins que furam a terra rente aos desfiladeiros, são um aviso para o camponês que passeia – “Cuidado com as árvores mais gordas, pois elas podem despencar em sua cabeça”. Que outros tantos sinais a natureza poderia nos enviar, se de nossos olhos esperássemos mais além de imagens, e se nos dessem conta de todos os traços e nenhum impulso fosse repellido? Pois bem, nossos visitantes aqui estão, trazendo-nos mais coisas que nossos sentidos jamais pensaram poder encarar, e continuam nossos olhos mirando atentos às árvores pelo bem de nossas cabeças. Lamentamos alguns de nossos queridos e gentis amigos que não conheciam os sinais de nossa terra e acabaram por definhar, por isso oferecemos de boa vontade esta cerimônia a fim de remediar as perdas destes que já também nos fazem falta. Queremos conhecer seus pássaros, que eles sejam trazidos nas próximas vezes, e mudas de suas plantas, que aqui possam se

desenvolver. E que nossas plantas sejam por vocês levadas às suas terras, apesar de suas primaveras não incharem da mesma maneira seus troncos, e daremos a vós quanto conhecimento for preciso no trato dessas criaturas. Minha esposa tratará de lhes reservar as melhores mudas, afim de que tirem proveito de suas folhas. (...) seguros de vossa amizade, que se sigam as maravilhas que vos preparamos, meus honrados amigos. As iguarias que ornaram o nosso banquete foram especialmente idealizados por minha esposa, que com suas pequenas mãos colheu as ervas para adocicar seus paladares. Como prefeito deste povoado, tenho certeza que nossa amizade será longa, repleta de sinais de gratidão em tamanha fortuna que nos trazem aos olhos, com seus sorrisos sinceros.

um hálito doce
sopra ao ouvido -
minha mulher!

**Diário de uma camponesa presente no dia do massacre,
encontrado muitos anos depois, em uma gruta**

Assisti estarecida toda a encenação, sabia ser provavelmente a única vez que veria algo parecido. Quanto a mim, eu sou aquela menina sentada atrás do carvalho, bem segura pelos cipós mais grossos, que meu querido pai me houvera ensinado a tramar. Eu não poderia estar ali, e isso, que aconteceu há mais de setenta anos atrás não seria perdoado, os furiosos guardas me repreenderiam e cobriam uma enorme multa de meus pais, por minha ousadia. Boquiaberta com a cena final, escorreguei um pouco mais rente ao arbusto que cobria parte do tronco, arriscando ser vista, e a tarde primaveril logo chegaria à metade, sem que eu houvesse sequer colhido um terço do fumo que me caberia. Não importa! Eu, que já havia sonhado tanto com esta cena, imaginando que haveria coisa tão estupenda neste mundo, quão maravilhosas eram as vestes daquele ser que nunca imaginei poder existir. Uma máscara que me provocou medo, as maçãs duras como as peras do outono, a sombra produzida por seu manto fazia um misto de cegueira e brilho intenso, um vestido com mais de quinze saias, sobrepostas, deixando entrever as marcas entre os plissados. Aquela era a cena final para os tais visitantes, estonteados sob o

brilho ofuscante, que as nossas mulheres sabiam bem evitar, pára que não cegassem. Os visitantes caíram todos, junto às barras de seu vestido, as letras que não poderiam ser jamais vistas por homens. Onde estaria o Prefeito, para socorrer nossos novos amigos? E nossos guardas? Não saberia dizer por que, mas ponderei o momento certo de desviar o olhar, eu jamais fui enfeitiçada, eu sabia de tudo, apesar de ser criança. Existem coisas que sei não ouvir ou não ver – simplesmente sei.

a última marca
no céu limpo
é certamente um pássaro

De mente, de gesto

1.

Transcorridos os dois anos em que eu poderia permanecer na ilha, em virtude de uma dívida a ser saldada, iria ver pela primeira vez em muito tempo dois ciclos completos das estações do ano em um mesmo lugar. Por um lado me sentia privilegiado de ali estar já que era uma das regiões mais belas, dentre todos os impérios que havia visitado. Por outro lado sabia que minha missão seria dispendiosa. Desgastar-se, acredito, é quase via de regra em um local tão exuberante, parece que há um contrato de temperamento, tal que torna profundo o humor do mais reles escravo, a paisagem força um silêncio altivo e alegre em cada rosto de criança atrás das cortinas das janelas e nas senhoras acoradas nas portas. E se minha filosofia, que sempre foi simpática a esses costumes de espíritos holísticos, fizesse parecer ingênuos meus companheiros de embarcação, em quem tudo rebatia como novidade em festa, eu sabia que boa parte de suas afecções era puro assombro. A euforia tomou conta da tripulação desde que aportamos e os olhares contidos frente aos nativos pareciam berrar em segredo. Ao menos a mim já foram tantas vidas e tantos dias e noites em guerra que belezas, cheiros, mulheres e paladares não são senão antônimos de um fundo impassível e colérico de vida ordinária. Porém nossos dias não seriam menos surpreendentes por isso; ainda na embarcação, Kon, o servo, avistou, arrancando-me a luneta das mãos, ao longe, o porto, encontrou absoluta a montanha no horizonte que colocava em disputa uma série de movimentos margeados. Em nosso caminho, o vilarejo de Bankai, de longe uma espécie de torre encravada num canto do mar, refletindo suas terras cheias de poeira e águas mágicas e algumas moradias - uma aura que destacava o arrocheado das margens: duas elevações médias, o monte ao centro despejando o céu na baía, coxilhas habitadas a oeste e duas a leste, a maior sendo

uma área pastoril, e as outras todas normalmente rodeadas de casas camponesas, modestamente ornadas com o betume. As rochas, que ao entardecer se tornavam amarelas, saíam da costa de Bankai e adentravam o mar alguns quilômetros. Fiquei ainda uma noite depois que todos desembarcaram, aturdido, vendo que o roxo se acentua quando nos demoramos a olhá-lo, efeito gradativo e inebriante.

2.

Assim que desembarquei passei a dormir nos *skandhas*, as estações de quartos livres, próximas ao porto, que eram pagos e dispunham dos serviços sexuais de jovens das missões do leste. Assim que entrei no cômodo fui surpreendido por uma jovem que trouxe o chá. Passou por mim como se eu não existisse e largou a bandeja em cima de uma pequena mesa. Observei seu movimento leve de agachar-se para servir o chá, parecia apressada e tímida, e nem um pouco interessada no que eu tivesse a dizer. Sentado na cama olhei a janela, com o monte ao fundo, uma luz forte da noite cuja imagem escura da jovem recortava em sobreposição. “O lado de lá!” – disse, parecendo adivinhar meu interesse pela paisagem. Levantou rápida e levemente o corpo, sempre com a cabeça inclinada e os cabelos cobrindo a quase totalidade do rosto, e saiu de maneira ágil. Deixando atrás de si a lua semicoberta e o monte que escondia o tal *lado de lá*.

Era assim conhecida a velha Bankai em sua churnilha de origem. Era o lado de lá de toda a parte que se conhecia, todas as ilhas até a última latitude povoada, a parte anciã de Bankai era uma espécie de lugar nenhum: areia de praia roxa que se diz que em poucas décadas irá render um estranho minério, o

que implicará a morte certa de todo ser vivo que ali permanecer. As coxilhas de Bankai serão invadidas por uma série de animais provenientes do outro lado da ilha. Desejei conhecer o lado de lá.

Deitei a cabeça e sonhei com o último solavanco da embarcação, ao bater nos bancos de areia, e o som que cheguei a escutar pareceu um guincho triste e sofrido de um animal sendo sacrificado, como que anunciando um período de silêncio, a mais mortal apatia onde finalmente se viveria jogado às forças do mundo sem mediação. Viver a terra como terra e o ar como ar. Mesmo que olhos me vigiassem eu saberia ser apenas mais um servo, ninguém que me socorresse passaria perto, não seria nem ao menos contado como se contam peixes, pois esses só são contados quando estão entre outros peixes. E ali eu estaria absolutamente sozinho.

3.

Em um jogo meu pai havia perdido as embarcações para um marujo lusitano, que lhe confiscou ainda uma sobrinha de 10 anos e eu mesmo acabei sendo “perdido”. Lançado às pressas ao mar, chegando à Lusitânia, fui imediatamente mandado a Bankai como um troféu. O marujo era assoberbado, típico dos fortes que insistem em continuar vivendo entre mortais. Uma vez que havia morrido um dos principais financiadores das navegações ao baixo oriente, a tropa de nossas embarcações se viu em dívidas para com as peixarias com que o milionário mantinha negócios em comandita - o que faríamos até encontrar quem nos financiasse novamente? Como novato não me atrevi a dar palpite, apenas sentei sobre os calcanhares e esperei no convés. Alguns dias depois a frota decidiu pegar um

carregamento de um velho amigo de meu pai para ter como custear a empreitada. Contornamos novamente a Itália e as rotas dos mercenários cipriotas, uma vez que o tal marujo havia morrido e nosso novo comando mercantil lhes era conterrâneo, não precisamos pagar tributo.

Escapamos por pouco dos piratas de Áden e nos deixamos deslizar para o sul. Como nada tivesse pela frente, levantava somente quando ordenado, o que acontecia pouco. Passei decifrando folhetins e grandes encadernações na porta dos porões, ali, onde possivelmente tivessem sido um dia fragatas, quilos de papel tinham as folhas mofadas de maresia. Certo dia eu abri aleatoriamente um dos livros que se encontrava na cabine do comandante, parecia um manual de anatomia escrito em grego, o primeiro destaque, que percebi pelas fontes e figuras, foi: *ANAKOUSIA*. Compreendi pelo desenho de uma orelha e de instrumentos amplificadores que se tratava da mais profunda surdez que se pode contrair. Passei a me dedicar, o resto da viagem, a pouco compreender desta encadernação em uma língua desconhecida.

Observei, desde as grades, os porões escuros - e não ouvi um barulho sequer.

4.

Eu permaneceria (ao menos esse era o trato) por apenas dois anos de trabalhos prestados junto aos estivadores da distante Bankai. Depois retornaria ao Japão e com sorte casaria com alguma filha de

pescador. Minha prima, todavia, já tinha o seu destino traçado: seria desposada em breve por um homem muitos anos mais velho, lhe seriam arrancadas as bonecas e imediatamente seria posta em frente ao noivo. Isso porque se sabe que mesmo do outro lado do oceano esta é uma prática comum: deve-se surpreender a criança, a passagem para a vida adulta deve ser feita na calada da inocência, para que os prantos não tenham tempo de se desinibirem. Agora eles virão aos poucos, divididos em todos os momentos da vida de minha prima. Tanto no Japão quanto nestas terras, as mulheres administram a cada dia de suas vidas, as doses do choro como emoções constantes, desde que foram *ao chão* pela primeira vez, assim diziam os locais, pois na noite de núpcias a menina deve ajoelhar-se e efetuar a higiene das partes íntimas do senhor, com a boca. Lembro de ouvir falar de um provérbio chinês que dizia que as mulheres de verdade são as que foram *marteladas ao chão*.

Um vilarejo esvaziado de nomes, eu mesmo em breve perderia a noção do que significa portar um nome, mas logo seria batizado com um apropriado à nova língua que deveria aprender, ou ao menos não deveria portar nome algum, pois ali seria parte da casta mais inferior, a que não tinha a obrigação estabelecida de ter um nome, no entanto, que o prisioneiro deixasse de atender pelo nome de batismo, isso era fundamental.

O lado oeste era propriedade de alguns plantadores de frutas, e também onde havia moravam os fiscais, assim que desembarquei, lhes informei meu nome, assim como todos os coitados que me acompanharam na viagem. Os fiscais riram de nosso sotaque e anotaram uns rabiscos em pequenos tecidos, que foram levados para lado oeste.

Certamente os proprietários mais ricos da ilha queriam ter registrados os nomes dos infelizes que desembarcaram na ilha, entretanto, de cima dos *skandhas* não se podia enxergar nenhuma casa ou mesmo nenhum silo naquela região.

5.

Os dias seguiram cheios de lamentação. O chiado e as dores no peito denunciavam minha fraqueza e a incapacidade de adaptação aos novos ares. Mas que novos ares são estes? O aroma se assemelhava e muito à vegetação rasteira das montanhas nipônicas. E a orquídea, esta brilhante e rebuscada pincelada nos troncos das figueiras, parecia estranhamente hostil. Era esta maldita sensação semelhante à dor que outrora senti e chorei cabisbaixo. Porque o deus arranjava para que tal chaga surgisse em meu espírito? - irritava-me enxugando as lágrimas e caindo sobre uma armação de bambu amarrada à beira do trapiche. O velho e manchado traje me conferia o ar de segurança já que os frágeis elitistas costumam ser mais asseados. Chorava descansado, soluçava sem ser notado.

A baía era estranhamente recortada. Algumas árvores pareciam sair de dentro do mar mesmo nos platôs mais altos, elas se curvavam perante alguma majestade. Os finais de tarde eram agradáveis e as poucas mulheres que eram vistas somente saíam neste horário, afim de que recebessem os últimos raios do sol. Últimos e por isso mais belos, os róseos passeios construídos semicircularmente desviando das rotas dos trabalhadores e estrategicamente nivelados para que as garotas não pudessem nem mesmo buscar com os olhos o que se passava no porto. Uma arquitetura que lembrava s construções

chinesas do século III, que consistiam num caminho estreito desde a reclusão das jovens até um pequeno jardim. Por entre as frestas dos paralelepípedos elas saltavam. Os rapazes da estiva, os quais ergueram paliçada para coibir seus próprios afetos evitando que cabeças rolassem repentinamente, como algumas vezes já havia ocorrido, ficavam notadamente cabisbaixos à hora do passeio das moças. Conheciam alguns truques para espiar alguma mecha de cabelo, e, com sorte, algum pulso que se descobria por acidente. Eles nunca sabiam para onde olhar, elas nunca sabiam qual parte do corpo fugiria aos olhos inquiridores da ama, fortemente armada com uma vareta para os casos mais graves de indisciplina, assim como pareciam já saber qual parte do corpo inclinar para ser ao menos captado por uma fração de segundo. As moças continuavam a passagem sabendo serem ao menos desconfiada a sua presença e saber que suas delicadas figuras, frente à inocência de um pretendente honrado e casto, seriam por muito tempo o exemplar máximo da beleza.

6.

Era muito difícil ver os habitantes de Bankai conversando, observá-los atentamente era o mesmo que intimidá-los, por isso não insistia em os olhar demoradamente. As senhoras idosas, quando apareciam ao final da tarde para costurar em frente às casas, estranhamente não eram caladas, pareciam ter um grau de suas visões periféricas atento em meus movimentos, proferiam de maneira suficientemente audível para a minha distância alguma palavra que eu reconhecesse de pronto. Diferente dos homens, que quase nunca proferiam palavra, e que eu tinha, no entanto, muito mais horas

de convívio, as palavras pareciam sempre querer me ultrapassar, os homens tinham uma expressão cínica e entojada. Entretanto deveria conviver da melhor forma, então eu acabei me aproximando de Kon, o servo, e com ele caminhava pelas docas antes do turno da noite, para observar os pássaros na maré baixa. Kon caminhava sempre à mesma distância, três passos atrasados em minha diagonal traseira, onde só o conseguiria enxergar torcendo o pescoço, algo que jamais faria, por pudor em demonstrar curiosidade. Então eu parava - ele parava. Se eu parasse por mais de 10 segundos, sentia seu vulto organizando a areia da praia para se acocorar. Assim, me distraíndo entre os pássaros e Kon, os minutos passavam. Quando me dava conta do horário, quase sempre já passara da hora do chá, Kon se adiantava e eu deveria apressar o passo para alcançá-lo e preparar o armazém para as próximas descargas.

A doca central parecia, olhando da entrada da baía, a ponta do monte principal, desenrolada como um tapete desde o cume, por isso, quando os estivadores ocupavam as bordas eu costumava ir até a ponta para instigar minha curiosidade em relação à paisagem. O monte parecia me observar de lado nos olhos dos estivadores que me mantinham sob a órbita de seus cuidados.

Certo dia um ponto amarelo pareceu se deslocar no topo; olhei ao redor procurando a concordância de alguém, ninguém olhou. Estava de pé na parte flutuante da doca, com o pescoço inclinado. Um vulto surpreendeu-me:

- Sugiro que volte a trabalhar – disse Kon, pela primeira vez me olhando no rosto, em um nível inferior da doca.

- Veja – apontei com o dedo o topo do monte.

Kon limitou-se a inclinar a cabeça para sustentar uma volumosa caixa no ombro.

7.

Guardei o episódio do ponto amarelo como um dos muitos vultos que me perseguiram na ilha. Como os habitantes que muito me observavam em silêncio e o resguardo agressivo das senhoras, os skandhas pareciam ter olhos nas janelas. Da jovem que servia chá, arranquei seu nome a muito custo, uma tarde que a consegui alcançar depois que deixou meu aposento. Ágil, geralmente só conseguia ver a fita da ponta de seu vestido escapular pela fresta da porta, mas naquele dia esperei atrás da porta e saí quase junto com ela. Surpreendi a jovem no lance de escada e pensei que a forçaria a dizer seu nome, ela, porém, não se rendeu a minha investida e me disse o nome com altivez. Nada parecia interromper seus movimentos. “Verena”, escutando seu nome ocidental só então eu percebi não se tratar de uma mulher nativa. Seus cabelos negros faziam uma sombra em quase a totalidade de seu corpo. Aproximei-me do parapeito já sabendo que o senhorio me seguiria com os olhos, do balcão acima de meu terraço, sentado sobre os calcanhares, ereto com metade do corpo à luz, com as mãos escondidas tramando suas tapeçarias, respirando perto da cortina como se de minhas intenções desconfiasse, olhei sem petulância para trás e tapei o sol com a mão. Do senhorio somente um olhar seco, quase irritado, lançado de perto do crepe que ornava os puxadores, o senhorio parecia balançar ao ritmo do tecido e em seguida tornou a deter a atenção no seu artesanato - que eu jamais vira pronto sequer uma peça. Verena sumiu no terceiro nível de aposentos entre duas cercas.

Senti-me desprovido de identidade – neste momento vi mais alguns estivadores ao parapeito de seus aposentos curiosos a respeito da jovem. Um senhorio que nos cuidava secundariamente em relação a uma tapeçaria de cores mortas entortava a boca pintada de vermelho.

Verena parecia sempre partir para nunca mais voltar, parecia que havia sempre algo que eu deveria dizer, mas, no outro dia, eu a via descendo rapidamente os níveis dos alojamentos, e toda e qualquer frase em minha garganta parecia calar.

8.

Kon era baixo, com músculos que desenhavam seu manto, eu o observei algumas horas inteiras à sombra da cerejeira. Saía da porta detrás da despensa dos alojamentos e contava os passos até o início do jardim das mulheres, donde sobrava alguma sombra das árvores por cima dos muros altos. Silencioso, sentava-se cruzando as pernas e enrijecendo ainda mais a coluna. Parecia fechar o ângulo de sua percepção e não perceber minha presença, embora eu possa estar enganado. Os seus lábios finos davam uma frieza assustadora ao seu aspecto, admirava a maré alta da manhã com ar de nostalgia, e um dia eu pude perceber nele algo que se assemelhou a um pequeno sorriso. Isso me alegrou.

Apesar de negar qualquer vestígio de biografia de suas poucas palavras, podia perceber que seus modos não eram de um estivador comum. Certa vez, sentados ao redor da mesa do galpão junto aos outros trabalhadores, percebi que seus modos ao sentar pareceriam audaciosos para quem não o

conhecesse já que mantinha todos a um nível acima de seu ângulo de visão, isso significa muito em uma mesa oriental, já que quem está mais perto do chão é da casta mais nobre. Então ele parecia solitário com olhar firme procurando alguém com quem compartilhar sua suposta nobreza. Foi quando seus olhos encontraram os meus e ele pareceu satisfeito por ora. Estávamos um pouco distantes, separados por cerca de dez homens, glutões e barulhentos, e mesmo assim, inconscientemente eu lhe havia copiado o modo de sentar. Um eunuco acorado a minha frente percebeu a sincronia e deu de ombros, então lhe perguntei, em meio à balbúrdia:

- Você o conhece?

- Sim.

- De onde vem seu atrevimento?

- Foi subjugado pelos Lusitanos quando pequeno, era filho de um governador. Note suas cicatrizes.

Agora percebi melhor uma marca que carregava no rosto. Kon ergueu-se e saiu sem que eu percebesse. Ao me deparar com seu lugar vazio, derramei o saquê sobre a mesa. O eunuco à minha frente se riu com a boca cheia.

9.

Cansado da solidão, escrevi única carta ao meu pai:

“Estou firme nesta missão. Estou desesperado.

Eu preciso te contar das incomunicabilidades. Da transparência rija que separa os homens. E do vazio das mais completas explicações apenas guardamos impressões insulares; no teto frágil de nossas opiniões vou descobrindo o porquê de tantas filosofias. Descubro com pesar que eu não teria como

compreender em outro momento acerca da solidão, pois ainda era muito apegado ao que eu não tinha. Aqui eu não sinto, não sou, não sei, não sei mesmo se esta carta te chegará em mãos ou mesmo se a estou escrevendo. Aqui não há nome, não há cerca. Lembra-te das varandas amplas de nossa casa nos Açores? Sinto-me entre a voz Lusitana e os mares nipônicos, em uma varanda estreita onde brinco solitário. Há um segredo, muito evidente que posso desvendá-lo, pois de alguma forma eu tenho uma chave, mas a mim não confiaram palavra. Os montes, as pedras mágicas do centro desta ilha, são elas, lá há de ter uma resposta. É preciso que eu conquiste alguma confiança quando se tem uma teoria tão consistente: do incomensurável e inapreensível dilatado em palavras que eu sei não ter significado algum, os murmúrios que caem nos meus ouvidos soam como um hino à minha ignorância. Por luxúria ou fantasia premeditei em sonho cada resposta negativa e cada efeito sofrido por mim nos instantes algures, os vendedores caminham à marcha do não dito e não ouvido, do não gozado como gesto direto que fere sem o saber. Preferirei ser morto a permanecer em tal agonia.

Eu sei desde o início ser de todo irrisório comentar o incomunicável, é uma estupidez – pois assim só me preparo para engolir o incompreensível. Pode ser que assim eu demonstrasse meu real medo de apreender o indizível *como* indizível. Mas daí nada me restaria, estaria meu vazio, minha vaga imóvel de sombria solidão. Sentir-me-ia um inútil. Como enganar alguém mais profundamente? Este se tornará em breve meu viver. Como esvaziar alguém de sua própria vontade em favor de minhas pestes intraduzíveis? O cais me leva um pouco e me afunda em sua areia movediça. Tenho saudades.

E minha prima, como andarás aquela pobre, meu pai?”

10.

Eu já havia rodado os mares, mas nunca me afastei minhas próprias idéias. Visitar outro mundo pode significar exatamente se perder em seu próprio mundo. Não adiantou, cruzei todos os limites e não vi nada mais do que eu mesmo lutando contra uma fina e quase invisível parede, mas das montanhas o vento horrroso de Bankai soprava forte em meus punhos. Uma necessidade, não um segredo, mas para isso, deixar-se de lado o mar, desta vez entraria em terra, em seu sumo. Dar as costas ao oceano e subir a montanha, por uma questão de capricho do entendimento: não *o que há lá em cima?* Mas *voltarei de lá?* Haverá sedução suficiente nesta montanha, que em comparação com outras não passa de outro vulcão inativo médio, jogado em um paralelo de trocas mercantis em declínio?

Do topo dos *skandhas*, um minúsculo mirante em madeira fina, por muitas horas me sustentou acocorado temendo o vento forte. Todos esses pensamentos me afligiram tantas vezes que pareceram uma única tarde fria e memorável. Meus olhos contemplaram a costa e a recortaram mais do que sua geografia realmente o fez. As coxilhas ao norte lembraram minha casa, os minúsculos movimentos sob as tendas do cais quase me fizeram tontear. Senti fome, limpei novamente as mãos úmidas no meu traje amarrotado. A segunda faixa, afrouxada após a primeira refeição em terra firme, já não fizeram espantar minha magreza, agora passados alguns meses as faixas continuam apenas encardidas. As manchas na pele saudaram o raiar da lembrança e despediram-se da água salobra, da carne seca e do fedor das galerias mofadas da embarcação para o mofo de quartos que mais pareciam casas de pombos. Eu sentia que a vida não mudaria, não, não mudaria nem um pouco, apenas me sentia como num revés de outrora. A nova terra, após certo período de contemplação, era como adentrar um espelho. A mesma

miragem da dura vida com alguns quilos a menos, um pouco mais de cansaço e alguma alegria escondida na costura traseira de meu chapéu. Inclinei a cabeça e chorei por mais um dia.

Desci com cuidado ao nível dos aposentos mais altos, bem à frente de uma janela, onde pude ver Kon através da cortina, sem ser percebido. Pela primeira vez vi sua expressão transtornada, estava ajoelhado e levava a mão à testa. Saltei os demais níveis sem demorar, um pouco confuso com a visão que acabara de ter

11.

O vigésimo quarto mês nas terras de Bankai anunciou o esperado retorno para casa, já esgotava o prazo da dívida de meu pai e os ventos já pareciam gritar a meu favor. Tive dúvidas se deveria enfrentar algum perigo, já que estava tão próximo de nunca mais voltar àquela terra e estranhamente colocar os pés em meu país sem ter sido profundamente lesado. Eu estava fraco, a ração oferecida aos estivadores eu mal podia engolir, e, salvo as refeições preparadas com afeto por Verena, preferia me alimentar aspirando a maresia.

Uma manhã a montanha me chamou, olhei para o alto e avistei ao longe as bandeiras amarelas, as mesmas que haviam sido negadas por Kon, que agora se postou próximo a mim e cochichou algo com um espírito. De dentro de seu aposento o vi sair empunhando faixas e o que parecia ser uma espada, estendeu-me os objetos e disse entre os dentes:

- Para os pés.

Era o sinal que eu precisava para que tivesse certeza que deveria partir. Agora, acompanhado por Kon, eu ao menos teria a pálida noção de minha ignorância. Deveríamos partir, compreendi na respiração de Kon que seria ao final da tarde, quando as mulheres do outro lado da paliçada estariam em seu passeio distraído os homens com seu encanto invisível. Naquele momento começou nossa jornada.

Um arco de memória se estendeu sobre minha existência, fez-me curvar com sua violência – e me colocar em seguida ereto, tanta era a intensidade das lembranças sobre meu corpo.

Ao meu lado havia um pessegueiro, onde apoiei minha cabeça. Girei os olhos para trás e perguntei ao servo:

- Kon, afinal, de quê é feita essa vida?
- De mente e de gesto. Mente para inventar a própria vida, e gesto para recusá-la virando o rosto ou nos inclinando. – respondeu Kon.

Como apagar tanta miséria? Ou como ensurdecer frente à ciência de nosso ontem que projeta nossa morte? Voltar-lhe as costas? Esquecer? Perguntei-me em silêncio – olhando a montanha e sua promessa de redenção.

12.

Às 5 horas da tarde de certo dia, sete pássaros pousaram na paliçada entre os jardins dos *skandhas* e o das mulheres. Organizaram-se de modo surpreendente e não tinham sombra. Kon desceu

de seu aposento com um ar viril e passos leves, saltou da terceira sacada até o jardim sem ser visto pelo senhorio, sempre ereto, como não houvesse feito esforço algum.

Partimos assim que o sol tocou as montanhas, ao passo que os sete pássaros desapareceram. Pensei ter ouvido a voz de Verena, mas o vento bravio me fez dizimar o que era apenas uma pequena vontade. Ajustei o manto e o perpassei com as faixas que me foram dadas por Kon. Desde os joelhos até os pés eu estava bem protegido, o chapéu parecia engolir meu rosto magro, um pouco de lavanda borrifada ao leste para os espíritos e pronto! - ao final de minhas preparações rituais percebi a mão de Kon rija apontando o caminho.

Seguindo duas horas para o leste nós chegaríamos num vale, quando o sol estivesse em seus últimos raias, eu calculei, dizendo a mim mesmo que este era o caminho - *Os espíritos da floresta, que murmurem sozinhos* – pensei minutos antes de perceber que eles já haviam perdido o fôlego. Kon falava e eu mal ouvia suas palavras, achava estranho que intercalasse momentos de total simplicidade de expressão e articulações tão firmes como se fosse um intelectual europeu. Havia guerreiros da floresta, estes, porém, jamais eram vistos, os nativos diziam “senti-los no ar”, quando o vento da madrugada se fazia cortante. Por algum motivo não duvidei da presença dos guerreiros em Bankai. Um misticismo milenar da ilha que era amplamente ensinado pelos antigos para quem o quisesse, e eu, sofrendo suas investidas, sem saber se os guerreiros existiam em carne.

Ao se aproximar da montanha esta se tornava mais verde, e os passos pareciam ser imantados pelo cume. O chão tinha as folhas secas amontoadas de uma maneira cada vez mais interessante.

13.

Ao início da subida, prevendo a escalada, paramos ofegantes e nossos rostos se encontraram. Entre Kon e eu surgiu um olhar demorado, firme de um lado, pensativo do outro, e aí travamos mútua insurreição. Mestre ou aprendiz, sendo quem fosse cada um, não importa, qual ordem dirigida a quem, confundimos posições, e pouco sabíamos do que se tratava. Parecíamos estar num meio do caminho da divindade e criatura, perdidos e imaturos sem saber mesmo ordenar ou obedecer. O aprendiz, com uma petulância asquerosa e dedo em riste, parece-se com um mestre ancestral - gritando palavras grosseiras eleva a cabeça à frente do sol, fazendo sombra à capoeira e sinalizando o caminho. O momento da subida foi o lugar donde não poderíamos voltar.

Que quadro se pintou à nossa frente! Girando num círculo como duas feras a desafiar um ao outro, não tínhamos a menor idéia de que força imprimir na escalada, se estávamos arriscando rolar de volta ao vale estando a centímetros do cume. A passos leves o mestre e o aprendiz contêm sua raiva e se afastam. Até então eu considerei Kon um pobre diabo, mas como eram exatos seus passos e detalhada sua postura. Que habilidosas mãos que sabem tocar no fundo dos meus sentimentos sem proferir sequer uma palavra, sua coluna rija, que demonstra os primeiros escuros da noite e curva como uma árvore que cede. Confiança? De idéias embaralhadas os homens comuns têm repentina clareza quando finalmente se deparam com leis antes apenas lidas em folhetins políticos. *Não sou mais que um infeliz inventando nomes à minha covardia, ora, minhas meias estão apertadas e quentes, porquê continuar a dar chance a esse estúpido que tenho sido?* Disse ao céu meia dúzia de impropérios com a finalidade de responder ao horizonte organizado que, entretanto, nos olhava, e a Kon desferi um feixe de olhares de inveja. *Quando poderei eu mostrar tanta grandiosidade?* Meus olhos urravam a minha fraqueza. O

aprendiz pareceu responder ao sorrir com um dos cantos da boca. Segui Kon, que novamente baixou a cabeça e passou a farejar as folhas, quase rastejando em direção ao topo.

14.

A escalada foi difícil. *Eu* teria de ser um sobrevivente. Talvez por isso ainda lembre com clareza de todos os passos, e ainda, devido aos desmaios de exaustão, de todas as inconsciências.

A subida não era demasiado íngreme, o dia retornava, e uma vez que o fofo das ervas me amparava sempre que necessário, era fácil apoiar os pés em uma pedra e encostar o rosto na vegetação. Seguimos os dois, olhando para cima e desejando o fim desta aventura. Rastejamos ouvindo o assobio cortante da ventania do topo, que pela forma do monte estávamos protegidos de sua força. Olhamos por um momento para trás e pudemos avistar toda Bankai, as plantações e o moinho ao longe. Principalmente os *skandhas* e o jardim das mulheres pareceram diferentes do alto. A paisagem era o próprio silêncio, o verde amarelado da vegetação parecia com almofadas enormes.

Como blocos de terra, os níveis iam sutilmente compondo a paisagem em montes que pareciam esculpidos. Em uma visão ampla comparei os pequenos morros ao penteado de minha falecia avó, porém a geografia ainda parecia mais altiva. Mesmo os tufo de cabelo terminados em pequenos orifícios na ponta pareciam ser fielmente repetidos nos amontoados esverdeados, com pequenos troncos cravados para que as orquídeas pudessem se instalar. Pequenos coques, com os olhos vertendo do chão, este parecia um retrato de uma digna senhora. Sentia bem perto, junto aos espíritos que vagavam na imponente elevação; caminhando junto com os movimentos do poente, a hora

despertava as primeiras gotículas que fecham a noite, porém ao me aproximar do topo, senti uma ausência total de espíritos. Até mesmo eles eram arredios à subida do monte, a morte parecia certa para quem cruzasse aquela concha terrestre, até mesmo para os próprios mortos.

15.

O topo era uma extensão pouco recortada, como um muro de jardim, como uma casca que apontava para o céu. Kon chegou antes e pude perceber seus olhos impassíveis dois metros acima de mim. Seu corpo dobrou o topo da montanha como um mergulho. Segui seus pés sem tempo para contemplações. Não havia vento algum no cume. Uma surdez medonha acompanhou meu corpo de um lado a outro. Um segundo após eu mergulhei em uma água límpida e absolutamente parada, quente, exatamente ao nível do topo da elevação de terra. Debatí os braços em um sentido qualquer, olhando um fundo completamente escuro.

Quando emergi Kon já estava subindo a escada de uma embarcação, não hesitei fazer o mesmo.

Perdi completamente o sentido, apenas navegamos, Kon e eu, sem alimento e sem sono. No segundo dia desconfiei de uma figura parecida com morros que consegui avistar. Distavam uma légua e meia do navio e em altura não passava de 800 pés, o suficiente para que pudéssemos acompanhar o movimento do ponto borrado sobre a elevação verde clara. Senti-me hipnotizado pela figura e desconfiei de que já estava sendo enfeitiçado pela região antes mesmo de pisá-la. Era um ponto que parecia executar saltos, pequenos saltos, e que, portanto, não podia ser qualquer animal, ou um ser humano qualquer. Cada deslocamento produzia uma sombra como rastro e nesse lance dilatei um pouco as pupilas. Acompanhei este movimento durante cerca de 30 minutos, quando Kon deu um salto:

- Bankai! Estamos de volta à Bankai!

Limitei minha atitude a me agachar e observar. Bankai, reencontrada, parecia mais disposta a me abrigar. Observamos um embrulho ao lado da prancha de pesca. É um pão. Desfaleci, e, agarrado ao pão e com o rosto apoiado sobre a madeira molhada da proa, observei Kon nadar até a praia. Percebi que o ponto que acompanhava antes do incidente não existe mais, e que minhas palmas foram perfuradas pelas próprias unhas ao se deparar com o misterioso embrulho, do qual sequer sabia a procedência.

16.

Ao final de uma semana resolvi desjejuar em terra firme, minhas pernas ameaçando dobrar e a febre já ter passado dos limites. Engoli água até a praia, e saí tremendo da água gelada sob as gargalhadas dos vagabundos que mascavam folhas sentados em uma canoa virada.

Sim, esta era Bankai. O mesmo porto e as mesmas docas. Os dormitórios eram iguais, porém não avistei Verena. Pensei em procurar Kon, mas este veio ao meu encontro. Ao enxergar Kon saindo detrás dos pessegueiros pensei em como ele se parecia comigo, e como nunca havia percebido este fato. Ele passou o olhar em meus olhos para depois dizer que fôssemos em frente. O jardim das mulheres ofuscou a montanha, esta não pareceu mais tão imponente. Talvez por lembrar de sua consistência eu não desejei subir ao seu cume.

Kon indicou com a mão que o jardim das mulheres havia sido aberto. Agora havia uma passagem larga para o estreito corredor por onde estas passavam todo final de tarde. *Mas como?* – pensei. Havia

mudado sua rotina, seu costume? Ou se haviam tirado as moças daquele lugar para que ficassem reclusas em outro lugar? Mas porque fariam isso? Kon notadamente fechou a cara para a minha curiosidade. Aproximei-me.

O muro alto e fino de raízes entremeadas consistia numa parte ainda acessível antes do monte, distava uns dois metros de uma parede da cordilheira que devia medir mais de mil jardas em direção ao céu, esta era a montanha que já havíamos escalado, mas a poucos metros de nossos pés. Quando saímos em contorno do jardim das mulheres não imaginamos que pudesse ser tão fácil o acesso à montanha.

Pensei no tempo em que idealizava uma mulher, fitava-a em pensamento, cortejava-a e a envolvia nos braços. Percebi que outrora havia conseguido conjugar a vida árdua das docas e o sonho agradável das tardes em que contemplava o muro, vendo os vultos das mulheres e por vezes projetando no espírito de Verena o que poderia ser minha amada. Senti saudades disso.

17.

Não me atrevi a adentrar o corredor, agora com uma grande abertura que possivelmente revelariam a passagem das mulheres, aguardei o horário certo de enxergá-las. Se eram belas, se eram magras ou gordas, se ao menos deixariam que eu percebesse que seus olhos fogem da investida dos homens.

Fiquei sentado no jardim, não desejei mais nada, não me alimentei. Eis que às 5 horas um ventinho de maré baixa acalmou a praia. As mulheres iriam sair.

A expectativa toda é inútil, não poderia me aproximar das mulheres porque não as desejaria assustar. Elas passariam, provavelmente, cabisbaixas, e eu as iria fitar com timidez, essa era a minha maior extravagância. Os homens largariam suas ferramentas e seriam levados à contemplação. Baixariam seus rostos com certa preocupação em não demonstrar fraqueza e procurariam desajeitados os calcanhares na posição certa para acomodar os traseiros.

Passei tantos anos assim, procurando saber como administrar meu corpo, procurando estratégias para desviar o olhar dos outros e ao ver Kon, altivamente bebendo um vinho de baixa qualidade em uma mesa de estivadores, como se nada o pudesse macular, senti que algo estava errado. A escalada me deu limites insólitos, uma cicatriz que não se pode esconder. Agora a cicatriz se abre em meu peito, num jardim verde em frente a um portal onde irão desfilas mulheres as quais não conheço e que nunca irei tocar. Uma multidão acorrida tornou o portal pequeno, e eu, ao lado de um arbusto, percebi que tudo o que imaginei aconteceu ao meu redor, em minha inconsciência. Os homens, que antes tocavam o muro sem nenhum pudor, agora calam e sentam com suas caras redondas e brancas.

Um pequeno vulto despontou. Pude notar perfeitamente, minha prima, mais magra com olhar pesado. Passou para a caminhada, seguida de outras mulheres, depois de 10 minutos, retornaram.

18.

Demônios horríveis passaram à noite sussurrando em meus ouvidos. Um deles falou claramente:

- Ouvi teus chamados, senti teus frêmitos. Cada gota do teu suor derramado em desespero tem seu lugar no caminho que seguiste e por isso estás ainda no início de tua jornada. Não saíste ainda de casa, embora tenhas percorrido tantas léguas. Cada vibração do teu corpo cansado tem seu lugar nas folhas que deitaste, e quanto àquelas que já foram desgastadas pela terra, destas, sobra a umidade ao chão, quiçá outro corpo, porque é recém iniciada tua jornada.

- Quem és – perguntei.

O demônio gargalhou. Compreendi. Não temos idéia do nosso corpo, muito menos do corpo alheio. Este demônio é qualquer um, qualquer coisa, sou eu. Sonhei com minha prima acenando de longe, do alto da montanha, e que eu a enxergava nítida e bela. Tive percepção das modificações do meu corpo e recolhi em sonho cada palavra que define aquilo de que meu corpo é portador. Este é meu limite.

Acordei com a mesma lua, a que um dia inundou o rosto de Verena, iluminando meu aposento. Não sabia ainda nomear todas as transformações que havia passado, mas acreditei que um dia elas seriam compreendidas. Senti-me estranho tocando meu corpo. Conheci melhor seus humores: dor, fome, calor. - Será isso que se deve manter? Perguntei ao demônio e à montanha. - Carregando todas as transformações que minha duração impõe, meu corpo que carrega todas as possibilidades de eu ter idéia das maneiras de pensar e ser.

Apesar de, não ter todas as idéias do corpo, não ter consciência de todas as suas modificações, tenho a idéia de que algo, mesmo esse corpo magro e frágil, deve permanecer para dar sustentação a todas essas transformações de que tenho idéia e percepção imediata. A noite permanecia negra e o mar em um movimento incansável e tedioso.

Ouvi uma movimentação no jardim, fui ver do que se tratava.

19.

A madrugada estava clara, Kon, no meio do jardim, ordenou que eu pegasse a espada. Não compreendi a situação, mas voltei ao aposento e apanhei a arma. Quando retornei apenas vi a ponta de seu manto sumindo no corredor das mulheres. Eu deveria seguir seus passos.

Saltei desde meu aposento até o jardim, segui os movimentos da folhas e encontrei Kon no platô mais alto do jardim das mulheres, em frente a um pequeno templo. O servo indicou que eu deveria entrar.

Passei pela porta e vi um lugar iluminado de um amarelo prateado, uma figura ao centro tinha a mão na altura da cintura, como fosse sacar uma arma. Iniciou uma dança estranha, com o corpo pequeno e aparentemente frágil, o rigor dos músculos se podia escutar. A pleno torso, o tecido fino buscava maneira de se ajustar à pele, devagar tomou um giro que estancou a cabeça em um nível. Roubou a brisa dos cabelos com antebraço, quando ajustou à frente o outro tanto de vento que soprara às pestanas. O outro braço veio por baixo e fez brotar o dedo em riste como golfinho do oceano. O dedo saiu suavemente, reservado ao ombro esquerdo enquanto os olhos procuravam outro horizonte. Na mão direita os dedos cerrados à altura do olho, exceto o polegar, que fazia girar rapidamente a mão inteira, acompanhada do cuidado hipnotizado do olhar. Um golpe em meu peito repentinamente me jogou para fora do templo. Não fui ferido, mas subjugado. Preparei para atacar imitando um pouco o ritmo da figura.

Tudo ali rimava com suas formas, não me surpreendi quando, sob o manto, os cabelos de Verena saltaram e me ordenaram que fosse embora.

Hesitei. O primeiro impulso que me levaria conseqüentemente a desembainhar a espada teve de ser contido. Precisava, em frações de segundo, traçar um plano completo de manobra. Mas mesmo antes do ataque, há os que conseguem prever a quantidade de sangue que irá jorrar, pois até mesmo lhes é possível dobrar seu corpo para desviar dos respingos. Eu, atirado na terra como um pedaço de carne aos cães, não dispunha de tal habilidade. Olhei para Kon solicitando que preparasse a embarcação.

20.

Partimos ao amanhecer, Kon e eu, seguidos pelo vácuo de um período em que pouco se falou, apesar das histórias contadas, pelas folhas no chão e pelo uivo dos ventos. Também pouco se comeu, os pedaços de pão foram engolidos como lembranças e tristezas. Não aprendi nada além de dar nome ao vazio que em mim reinava, a volta ao mar era caminho de uma distância já conhecida, mas agora impiedosamente nomeada, não há mais fim do mundo, porque o fim foi experimentado no topo da montanha de Bankai. Experimentei um tipo de recusa, uma maneira de contemplar, apenas mais uma. Talvez isso fosse desfeito em alguma profundidade africana ou rasgado na espada de um pirata somali.

Ao chegar em alto mar, com sol quase a pino, troquei finalmente as roupas. A roupa de um guerreiro faz parte de seu corpo. Os lenços e fitas também compõem com a pele do bravo, sendo

preservada contra a água, o vento e o pó – “ame o seu manto”, dizia meu pai ao amarrar firmemente o tecido à minha cintura. Uma veste de guerra não pode cintilar, porém o avesso deve conter um mínimo de brilho.

Um navio enorme com uma tripulação de dois homens é um risco aos assaltos dos piratas, ou no mínimo ao tédio. Desci aos porões, vazios, e fiquei lendo os rabiscos deixados por antigos tripulantes. Ao passar a porta das galerias baixas, minha roupa começou a brilhar de maneira audaciosa, mas um tipo de atrevimento preciso - era um bailado de riscos da parte interna das golas e barras das saias. O colete ajustava o tecido dando certa prudência ao espetáculo. Entre os enormes ideogramas traçados nas paredes mofadas da embarcação as poucas luzes foram derramadas do interior do traje riscando o forro de cetim. Kon gritava com uma voz fanhosa para espantar os pássaros que rasgavam a vela. Entre os mistérios de Bankai e a morta e esqualida penumbra do porão da embarcação não havia absolutamente nenhuma diferença.

TEXTOS RELEVANTES PARA ESTA ESCRITA

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

_____. *A preparação do romance. Volume 1*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *A preparação do romance. Volume 2*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 2006.

_____. *Incidentes*. São Paulo: Martins Fontes, 2004

_____. *S/Z*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BUTOR, Michel. *Repertório*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Perspectiva, 1974.

CALVINO, Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CLAVELL, James. *Xogum - A Gloriosa Saga Do Japão*. Rio de Janeiro: Sextante Ficção, 2008.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. *Kafka, por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol 2*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

_____. *O que é a Filosofia?* Rio de Janeiro: Ed. 34, 1991.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

FEIL, Gabriel Sausen. *Procedimento erótico, na formação, ensino e currículo*. Tese de Doutorado, UFRGS, 2007.

FLETIAUX Pierrette *História do abismo e da luneta* [tradução livre de Tomaz Tadeu, em versão digital, 2006]

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Roberte, ce soir*. In: _____. *Les lois de l'hospitalité*. Paris, Gallimard, 2001.

LISPECTOR, Clarice. *Água Viva*, 2.^a edição, Artenova, Rio, 1973.

_____. *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo: de como a gente se torna o que a gente é*. Porto Alegre: L&PM, 2006.

SACKS, Oliver. *Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

SPINOZA. Benedictus de. *Ética*. Tradução e notas de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

TADA, Michitaro. *A cultura gestual japonesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

VOLTAIRE. *Cândido ou o otimismo*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Apêndice

Tradução do poema da página 52

*Eu desejava provar os frutos mais amargos e negros
afim de provocar mudança na alma
Na terra profunda plantei uma frágil semente.
Uma floresta em mim nasceria.
Admirado, afundei no espírito do chão,
Vi aflorar suas sementes em frutos escuros
que caíam aos meus pés.
Cada um era eu vertendo a terra*